



Encontro
da Rede **10**^o
de Estudos Rurais

**“Terra, Fome e Poder:
Desafios para o rural contemporâneo”.**

27 a 31 de Agosto de 2023, UFSCar, São Carlos – SP

CABRA MARCADO PARA MORRER E A FAMÍLIA DE ELIZABETH TEIXEIRA: FENDAS DO LATIFUNDIO, FENDAS DO GOLPE

Marco Antonio Visconte Escrivão¹

GT 07: Cinema, análises fílmicas e o mundo rural: instrumentos de conhecimento e potencialidades.

RESUMO

O presente trabalho analisa o percurso de personagens, narrativas e momentos históricos dos documentários “Cabra marcado para morrer” e “A família de Elizabeth Teixeira”, traçando uma reflexão sobre as questões geracionais e a elaboração da memória do movimento camponês com a passagem do tempo, buscando compreender um período de 50 anos da história do país e dos movimentos em questão a partir das fendas provocadas pelo latifúndio e o golpe civil-militar de 1984. Despontam questões estruturais do país, traumas pessoais e a emergência de novos atores de luta a partir da memória estabelecida pelo documentário seminal “Cabra marcado para morrer”.

Palavras-chave: Documentário, Cabra marcado para morrer, ditadura

INTRODUÇÃO

Um futuro se fez presente, mas qual futuro?

É um ponto praticamente pacificado a importância ímpar que o filme *Cabra Marcado para Morrer* tem no documentarismo brasileiro. Fragmentos de histórias reconstruindo caminhos de pessoas que enfrentaram a barbárie da ditadura civil-militar brasileira, articulando então, a partir do entrelaçamento de memórias pessoais, uma memória do movimento camponês, da própria ditadura e por conseguinte do Brasil. E na trilha de juntar cacos destruídos pelo autoritarismo, o filme carrega consigo um tanto de energia da esperança do novo momento que se abria no país e possibilitou, inclusive, a realização do próprio documentário. *Cabra marcado* é um documentário que olha o passado recente de sobreviventes, com expectativas de futuro. Mas qual futuro se fez presente?

O filme deixa em aberto um horizonte de expectativas que se apresenta à vida das

¹ Instituição Departamento de Artes de Comunicação da Universidade Federal de São Carlos, marco.escrivao@ufscar.br

pessoas. Nessa relação analítica entre anseios coletivos somados ao mosaico de vivências e experiências individuais, quando Elizabeth Teixeira cita a vontade de reencontrar os filhos e retomar a militância, em um momento em que praticamente acaba de sair de 17 anos de clandestinidade, ela corporifica no presente um passado e um futuro extremamente candentes.

A realização documental de *Cabra* ajuda a fundar uma memória de João Pedro e do movimento camponês no imaginário das lutas populares no Brasil (NOVAES, 1997). Neste sentido, ao assistir *Cabra marcado para morrer* já na segunda década do século XXI, era possível perguntar-se mais uma vez: o que aconteceu com esses camponeses do filme e suas esperanças? Teria Elizabeth reestruturado sua família? Seguiu ela na luta pela reforma agrária ou se recolheu a uma vida tranquila? E os filhos e netos, quais caminhos tomaram? Será que conhecem as histórias da família? Negam ou orgulham-se?

DESENVOLVIMENTO

A família de Elizabeth Teixeira e a reforma-agrária que ainda não foi implantada.

E é mais ou menos por estas reflexões que Eduardo Coutinho empreende em 2013 uma nova busca para reencontrar os personagens de seu antigo filme. Em 2014 completou-se 30 anos de lançamento da obra seminal, *Cabra Marcado para Morrer* e em comemoração, um DVD remasterizado foi lançado. Como extra desse DVD, um documentário que é o resultado dessa segunda busca de Coutinho pelos seus personagens, *A família de Elizabeth Teixeira*, em que além de encontrar a sua personagem principal, Elizabeth, o diretor empreende nova busca pelos seus filhos ainda vivos. Como anuncia um letreiro inicial, nesses 30 anos, Coutinho havia mantido contato com Elizabeth, mas não havia estado com nenhum de seus filhos. Cláudia Mesquita (2014, p. 216) pondera que ao se vincular a *Cabra marcado*, "*A família de Elizabeth Teixeira* reabre a história e nos permite sondar aquele 'futuro' (hoje presente) que voltava a ser possível (para Elizabeth, para Coutinho, para o país), no limiar da redemocratização".

Por outro lado, nota-se dois deslocamentos de interesse perceptíveis já no título do filme. A menção à família de Elizabeth Teixeira desloca o centro de interesse daquele que fora o cabra marcado para morrer, João Pedro Teixeira. Não que ele não esteja presente no novo filme, pelo contrário, sua memória é evocada constantemente e novas informações e imagens são aqui apresentadas, no entanto, o título mostra que o protagonismo ou o reconhecimento cinematográfico está mais voltado à figura de Elizabeth. Outro deslocamento: o foco será na família de Elizabeth Teixeira e não nela própria. Essa escolha nos remete à sequência final de *Cabra*, a busca em encontrar os filhos que se espalharam pelo Brasil em função da clandestinidade forçada da mãe, estabelecendo assim um diálogo formal direto com a obra seminal, e de quebra investigando também o que foi feito de um dos desejos de Elizabeth, a

saber, reencontrar seus filhos. Na última aparição de Elizabeth em *Cabra*, ela faz um discurso de esperanças e retomadas: reencontrar os filhos, retomar os laços e continuar a luta pela terra. Estariam, 30 anos depois, estas esperanças concretizadas? A realização de *Cabra* foi capaz de resgatar da clandestinidade uma mulher, camponesa, ex-presidente da Liga de Sapé, mas como o filme interferiu na história de seus filhos?

Ao assumir novamente a empreitada de registrar sua busca pelo encontro com Elizabeth Teixeira e principalmente seus filhos, temos um tempo transcorrido de 29 anos, de 1984 a 2013. Histórias e memórias foram produzidas em 1962, 1964, 1981, 1984, nos interregnos, e agora, estão mais ou menos elaboradas com o distanciamento histórico. Perceivelmente as conversas em *A família de Elizabeth Teixeira* tem o tom mais ameno e tendem mais ao melodramático do que em *Cabra marcado para morrer*. Isso porque, o filme se concentra nas histórias familiares contadas pelos filhos e seus pontos de vistas e vivências particulares e não na trajetória de Elizabeth. Essas conversas mais amenas aqui em *A família*, são também sinais dos tempos, intimidade criada e memória compartilhada entre realizador e entrevistados que assim consegue inclusive informações novas que não temos em *Cabra*. O tempo, não da urgência do momento histórico de aberta opressão, pelo contrário, a retomada pela reflexão, decantadas as histórias, trazem à fluidez da conversa reflexões e informações, em meio a curiosidades e novidades sobre a vida de cada um e sua relação com o passado.

As filhas e os filhos

A conversa com Marta no filme de 1984 foi marcada pela lembrança dolorida da mãe, de toda a família e pela recordação das durezas da vida que foi obrigada a viver. Essa soma reflete-se na precipitação de um choro não contido em que o filme registra em close no rosto de Marta. Ela diz não ter mágoas de Elizabeth apesar da mãe ter lhe dado aos avós, diz que foi a única dos 12 filhos que foi dada e salienta que não sabe o motivo. Fica nítido que sim, ela carrega mágoas. Por outro lado, reforça que não tem nada contra a mãe, que a adora, e que espera a hora de "ela vir", projetando para o futuro um esperado encontro.

Em 2013, quando das filmagens de *A família de Elizabeth Teixeira*, Marta seguia no Rio de Janeiro, morando com os filhos. A conversa começa com ela dizendo que seu filho gosta muito da avó, e que sua irmã Marines também, o que deixa a entender que ela própria, Marta, tem problemas não resolvidos com a mãe. Já nesta deixa, o filho de Marta surge com um folheto do Pronera - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - e procura contar como admira avó. Depois, Marta segue contando sobre sua ida para o sudeste aos 20 anos, e seus casamentos. Teve ao todo 5 filhos, mas apenas 3 estão vivos. Relata a morte de seus dois filhos, as duas relacionadas ao cotidiano de violência urbana vivido pelo Rio, principalmente pelas populações periféricas com trabalhos precarizados.

Na sequência, descreve o primeiro trauma de infância. Morava com os pais de João Pedro, e aos 8 anos de idade o pai a tirou da avó e a levou para morar junto com ele e Elizabeth. Este é um momento em que já fica nítido também qual será a postura do diretor, sua intervenção ativa. Ele pergunta: "Foi João Pedro que decidiu? Então a senhora não pode ter raiva da Dona Elizabeth". Frente ao primeiro comentário das mágoas que ficam de Marta em relação a Elizabeth, parece haver em Coutinho uma expectativa de conduzir uma reconciliação ao fazer este filme. Ela relata que não tem nenhum contato com a mãe, desde que a encontrou na ocasião de lançamento de *Cabra*, em 1984, e que ainda em 2013, Elizabeth esteve no Rio de Janeiro, mas não procurou pela filha, acentuando a mágoa. Ainda assim, Marta diz de forma forte: "Antes de eu morrer eu vou lá dar um abraço nela". Novamente se projeta para o futuro, o encontro entre mãe e filha.

Na última parte de seu depoimento, entramos mais especificamente em uma evocação de João Pedro Teixeira. Marta lembra o dia da morte do pai e aqui surge uma faceta extremamente humana e apaixonada de Elizabeth Teixeira. Em *Cabra*, o relato de Elizabeth é tomado pela surpresa do momento e a verve militante da personagem inibe sua descida mais apaixonada à sua relação privada e individual com João Pedro². Aqui, Marta conta a dor e sofrimento profundo de sua mãe no dia da morte do pai: "Ela urrava feito bicho, a gente tinha medo de chegar perto da porta do quarto. Quando meu pai morreu, ela sofreu muito. Muito, muito, muito. Ela amava muito aquele homem".³

Depois, o filme vai ao encontro com Marinês, e nele Coutinho é recebido pela filha Alana, que em 1981 aparece pequenina ao lado da mãe. No antigo filme, Marinês diz que não lembra da mãe, pois nunca a viu. Diz, acanhada, que tem vontade de vê-la e ressalta que não possui mágoas. Então, lê uma carta que Elizabeth lhe enviou. Nela, a mãe já manifesta o desejo de reunir os filhos que não pôde criar, e pela boca da filha lendo a carta escrita pela mãe, surge um lampejo de ternura: "você diz que não sabe de onde veio, então você veio de uma raiz humana através do amor entre eu e seu pai". Mais à frente, a carta diz: "será a minha grande alegria passar pelo menos um dia reunida com todos os meus filhos". Notamos, para além das palavras carinhosas e novamente o desejo projetado para o futuro, que houve uma troca de cartas entre elas, com perguntas e respostas de ambos os lados. Estamos em 1981, a internet no Brasil ainda não estava nem em gestação, mas a comunicação por carta, ainda que demorada aconteceu entre mãe e filha, chegando inclusive antes do próprio filme.

² Aproveitamos o ensejo de análise emocional e humana para destacar que Elizabeth, em *Cabra marcado para morrer*, conta sua saga de sofrimentos sempre com tristeza e algum grau de indignação nos olhos, mas apenas vemos lágrimas contidas no momento que suas amigas da cidade de São Rafael tecem comentários elogiosos a seu respeito.

³ *A família de Elizabeth Teixeira*. Depoimento de Marta.

De volta a 2013, em *A família de Elizabeth Teixeira*, a conversa engrena com Coutinho lembrando do dia do reencontro entre Marines e a mãe, ainda em 1984, em que também estavam presentes Marta e o irmão José Eudes, os 3 que em *Cabra* dão depoimentos no Rio de Janeiro. Coutinho está passando algumas fotos impressas para Marines. Ela vê Carlos e Isaac e diz que não os conhece até hoje. É nítida a mudança de feição de Marines, tomada de emoção.

Passa por uma fotografia de Elizabeth e chora. Coutinho diz que ela, Marta e Elizabeth se parecem. Marines, concorda. Conta que as vezes não corta o cabelo para ficar parecida com a mãe, diz isso com um sorriso que deixa transparecer também uma certa satisfação com o fato. Coutinho pergunta como foi a saída de casa da filha mais velha. Marines conta que a filha, com 19 anos, passou a frequentar Lan House e um dia pegou as malas e partiu para o interior de São Paulo. Quando a mãe foi visita-la em Ribeirão Preto, descobriu que ela estava casada com outra mulher. Esta é uma passagem curta do filme, mas que pontua um pouco da realidade colocada no momento da filmagem, já que a relação com a internet e mesmo a homossexualidade eram questões que passavam ao largo das possibilidades em *Cabra marcado para morrer*.

Após um corte, Coutinho comenta que desde 1984, quando Elizabeth esteve no Rio para o lançamento do filme, ela nunca mais procurou Marines. A filha diz que isso a magoa, mas que apesar de não entender a postura da mãe, ela aceita. Deixa claro a compreensão da clandestinidade da mãe, como necessidade e por isso o abandono dos filhos, reforçando a posição assumida em 1981, mas não compreende: porque depois do reencontro não foi possível reestabelecer laços fortes suficientes para que o contato e a afetividade mãe e filha se tornasse uma constante?

Ela mesma avalia que a distancia foi tão grande que se tornou uma frieza e relata especificamente o caso de Isaac, que chegou de Cuba e nunca procurou os irmãos que moravam no Rio de Janeiro. Emocionada, ela conta que olhar para a irmã mais velha, Marta, é o único referencial de vida, "para saber de onde venho", buscar resgatar a raiz. Fica novamente patente, cerca de 30 anos depois do reencontro a constatação feita por Leonilde Medeiros (2017) analisando *Cabra*:

É a tragédia humana que ressalta na busca que Coutinho empreende: à medida em que a família de Elizabeth Teixeira vai sendo reencontrada (pai, tio e principalmente filho), vai se explicitando o fio de outros dramas, normalmente pouco abordados quando se discute a repressão. Assim aparece a brutalidade da separação entre crianças e a mãe, figura que se torna uma lembrança querida, mas também estranha. (2017, p. 15)

E então João Pedro Teixeira é novamente evocado, mais uma vez com carinho: "É de João Pedro eu tenho só orgulho, que eu só escuto falar bem de João Pedro". E por contraditório

que seja, as histórias de um pai carinhoso conduz a memória de Marines para o seu avô, Manuel Justino que a criou até os 10 anos de idade. Segundo ela, o avô era rude mas um cara bom. A contradição e a tragédia lado a lado: "Vai explicar que o homem que mandou matar meu pai...não entendo isso, é muito confuso". Ou seja, Marines fala com todas as letras que seu avô mandou matar seu pai, o que não apareceu em *Cabra*. Mas, sua memória afetiva traz boas lembranças do velho. "Vou fazer o que, não sabia de nada. Vou cortar isso de dentro de mim? Não posso, né?". E a complexidade da memória e sua relação afetiva não param por aí, ela nos conta mais a frente que seu avô, quando ela tinha apenas 11 anos de idade, a expulsa de casa porque ela, menina, estava nadando em um rio com meninos. Marines conta que ao chegar na casa de Antônio Vito, outro mandante do assassinato de João Pedro Teixeira, depois de ser expulsa da casa do avô, o homem diz: "tu é filha de João Pedro, né? Filha de João Pedro na minha casa não circula". Marines, por dois anos, fica como escrava lavando roupas e dormindo em um quatinho do lado de fora da casa, até sua irmã, Marta, a levar para o Rio de Janeiro. Essa frase vai se repetir no encontro de Coutinho com Maria José, filha de Elizabeth que não aparece em *Cabra marcado*. Coutinho explica que não foi possível entrevista-la na época, pois eles haviam ficado apenas dois dias em Patos e Maria não estava nestes dias. Perguntada por Coutinho se a tia que a havia criado lhe tratava bem, Maria José responde: "na medida do possível. Porque existia sempre aquele negócio, né? Filha de Elizabeth e João Pedro Teixeira vai ser igual a João Pedro Teixeira e Elizabeth, né? Aquela história, né?". *Cabra marcado*, mulher marcada e filhos marcados. A memória é sangue, é sobrenome. O estigma passado pelas gerações.

Do Rio de Janeiro, o filme parte para Paraíba. O primeiro filho entrevistado é Isaac, que em *Cabra* estava em Cuba cursando medicina. Isaac conta sobre sua estada em Cuba, relata o sofrimento grande ao ter que se separar da família e do país com apenas 14 anos. Coutinho conta a Isaac a mágoa de Marta e Marines com o fato de ele nunca as ter procurado. Isaac da razão às irmãs que não conhece e busca encontrar explicações que pouco convencem a si mesmo, ainda menos a quem assiste. Segundo ele, todas as vezes que tentava ligar havia problemas, números errados somados à correria do dia a dia. A resposta soa insuficiente pois estamos em 2013, ainda que com acesso um tanto restrito, a internet já era uma realidade, como prova Alana e seu relacionamento amoroso iniciado pela grande rede. Soma-se a isso o fato de que Elizabeth e Marines, em 1984 trocaram cartas estabelecendo uma certa relação. As distâncias em 2013 eram já bem menores que em 1984 devido ao avanço tecnológico das comunicações, o que não foi o suficiente para superar rupturas iniciadas 50 anos atrás. A questão não se fecha, fica em aberto. Uma fenda na família.

A próxima conversa é com Carlos, o filho mais novo e único que acompanhou Elizabeth em sua clandestinidade em *Cabra*. Carlos é quem esteve todo o tempo com a mãe e nesta

entrevista, em *A família*, Elizabeth está novamente ao seu lado. Vemos Elizabeth olhando algumas fotos, ela discorre sobre sua relação com Francisco Julião e como o antigo deputado conseguiu uma bolsa para seu filho Isaac estudar em Cuba e o filho mais velho, Abraão, cursar faculdade de jornalismo. Mas Coutinho não se interessa pela história que Elizabeth parece querer contar e indaga a Carlos como era a relação dele com o irmão Abraão. Carlos diz que a relação sempre foi boa e relata a repentina morte do irmão mais velho. Um destaque, resgate da história extra filme. A postura autoritária de Abraão, em *Cabra*, pode também ter a ver com o fato de ele ter sido torturado na época da fuga da sua mãe.

Corte para uma imagem de jornal que toma a tela, nela podemos ler: "Filho de João Pedro Teixeira mata irmão por causa de briga por terras". Carlos conta a tragédia familiar em que Peta, João Pedro Teixeira Júnior, que havia sido criado pelo pai de Elizabeth, Manuel Justino, um dos mandantes do crime contra João Pedro, mata seu irmão José Eudes⁴, na década de 1990. Segundo Carlos, José Eudes estava construindo uma casa em uma terra herdada por Elizabeth e tinha planos de fundar uma associação de trabalhadores no local, seguindo assim, a luta do pai e da mãe. Um tio sentiu-se ameaçado e incentivou Peta a praticar o assassinato. Família marcada pela tragédia.

No seu depoimento ao filme *A família de Elizabeth Teixeira*, Neivinha fala da dificuldade de lidar com a história da família, diz que tem depressão por conta de todos os acontecimentos. Por outro lado, de novo, entram na memória afetiva, a positiva relação com João Pedro Teixeira, um bom pai: "O pouco tempo que pude viver com ele, tenho muita lembrança boa dele e sei que se ele fosse vivo ele era uma pessoa maravilhosa"⁵. Fica evidente a marca, a tragédia familiar iniciada com o assassinato do pai. Uma fenda que não poderá ser superada.

O assassinato de João Pedro, as consequências à sua família e a memória remanescente de sua figura enquanto pai e não apenas do militante merecem uma reflexão. De maneira mais imediata, tem-se em *Cabra* três consequências importantes advindas desta morte: em primeiro lugar o suicídio da filha mais velha de João Pedro e Elizabeth por não suportar a dor da perda do pai, em segundo lugar o mote para a realização fílmica que iria posteriormente se tornar um documentário fundamental para a memória das Ligas Camponesas no Brasil, e em terceiro lugar a transformação de Elizabeth Teixeira de camponesa, dona de casa, em militante e liderança sindical, assumindo com unhas e dentes a luta do marido assassinado. Essa transformação é fundamental para compreender os descaminhos percorridos por Elizabeth e por seus filhos e a relação que cada um consegue manter entre si. Ao ser assassinado, João

⁴ Segundo depoimento de Elizabeth Teixeira no livro "Eu marcharei na sua luta", o nome de José Eudes era Lenine, em homenagem ao revolucionário russo Vladimir Lenin, mas o tio que ocupou-se de criar resolveu mudar o nome do menino.

⁵ *A família de Elizabeth Teixeira*. Depoimento de Neivinha.

Pedro Teixeira não age mais sobre a criação de seus filhos em seus cotidianos. Torna-se uma memória. Em *Cabra*, os filhos pouco lembram da figura do pai, assim como da mãe, pois eram quase todos muito novos para reunir lembranças, somando esse fator aos traumas que por vezes recalca memórias. As relações com João Pedro cessaram em 1962, deixando um vácuo e nele foram construídas memórias a partir de vivências pessoais, mas também em diálogo com outros e das construções sociais que foram feitas daquela figura que ficou no passado. Elizabeth, por seu turno, seguia em relação (mesmo que na não-relação) com seus filhos, e por fim, a fenda trazida com o golpe civil-militar, a clandestinidade obrigatória foi funda demais e os laços não foram retomados como todos queriam e imaginaram em meados dos anos 1980.

Depois, Coutinho pergunta diretamente a Elizabeth sobre o destino do dinheiro que ela ganhou com a indenização da anistia. Temos aqui, o percurso do final de *Cabra*, a abertura política e a reivindicação de reparação aos perseguidos. Como se sabe, a justiça de transição no Brasil foi extremamente falha em seu processo de elucidação e responsabilização histórica pelos desmandos, torturas, mortes, desaparecimentos e inúmeras vidas destruídas pela ditadura. A reparação financeira foi um dos poucos processos ocorridos. No caso de Elizabeth, como sabemos, é extremamente justa e necessária. Ao questionar Elizabeth Teixeira sobre o tema, o filho Carlos logo toma a palavra e diz que sua mãe decidiu ratear a indenização com os filhos. Não sabemos se todos os filhos entraram nesse rateio, e não há nem uma linha a mais nem dele, nem de Elizabeth e nem de Coutinho sobre o significado material e simbólico da referida indenização. A entrevista de Carlos apresenta muitas questões, mas não se interessa em ir afundo em cada uma delas.

A mãe

Nesta mesma conversa, o diretor apresenta a Elizabeth Teixeira um papel com o discurso proferido por ela mesma em sua última aparição em *Cabra marcado*.⁶ Pede que ela leia. Resgata textualmente a mesma fala 30 anos depois. Elizabeth tem dificuldade para ler, a idade já está avançada. Um pouco truncada, a leitura acontece de maneira aparentemente fria. Coutinho pergunta se ela acredita ainda no que foi dito no passado, ao passo que Elizabeth, com um sorriso no rosto e agora sim pulsando a verve militante que moveu parte de sua história, responde:

Acredito. Porque João Pedro dizia que iam tirar a vida dele, mas que a reforma agrária ia ser implantada em nosso país, né? Quantos anos do assassinato de João Pedro e que a reforma agrária ainda não foi implantada

⁶ “A luta que não para, a mesma necessidade de 64 está plantada, ela não fugiu um milímetro. A mesma necessidade está na fisionomia do operário, do homem do campo e do estudante. A luta que não pode parar. Enquanto se diz que tem fome, com salário de miséria o povo tem que lutar. Quem é que não luta por melhora? Tem que lutar.”

em nosso país.⁷

Ou seja, ao trazer o discurso final de *Cabra*, Coutinho despertou na memória de Elizabeth a sua luta anterior, junto ao seu marido, retomando o início deste ciclo todo: a luta de João Pedro Teixeira pela reforma agrária. E de novo, como já o faz em *Cabra*, Elizabeth não retoma esta memória apenas no âmbito individual (GERVAISEAU, 2011), não reivindica justiça individual para João Pedro Teixeira, pelo contrário, compreende e situa novamente a morte do companheiro dentro de uma luta coletiva e maior, a reforma agrária e a justiça social. Cláudia Mesquita (2014) destaca que ao trazer a fala dita no calor do momento de sua saída da clandestinidade em *Cabra* para texto a ser lido em *A família*, Coutinho "faz do próprio *Cabra* um 'arquivo e provoca novamente, com a mediação do cinema, o reencontro e a 'reconexão' de Elizabeth com seu passado, agora disposto em camadas" (p. 222).

No discurso final de *Cabra* e lido em *A Família*, abria-se de novo o horizonte de expectativa da luta por melhores condições de vida, da luta por reforma agrária. Ao comentar esse discurso, Elizabeth nos diz que a reforma agrária não foi implantada. Assim, do fato inicial, pode-se agora traçar uma reflexão que abarca um período histórico de 50 anos das lutas das classes trabalhadoras rurais no país.

Juliana Elizabeth e a terceira geração

Em *A família de Elizabeth Teixeira*, a memória construída a partir do cinema, partindo de *Cabra marcado para morrer* ganha corpo representativo. Reencontramos Juliana Elizabeth, a mesma bebê que vemos no colo da filha de Elizabeth, Neivinha⁸, em *Cabra*. Juliana, hoje professora de história, conduz a equipe por locais que já vimos em *Cabra*. Ela relata que já no ensino médio os professores de história perguntavam qual a relação que ela tinha com Elizabeth, ao passo que ela, ainda garota, tinha contato com a avó mas não conhecia a história que envolvia a família e ainda não conhecia o filme. Então:

No primeiro ano de universidade, o professor, por curiosidade, perguntou o que eu era de Elizabeth Teixeira, eu falei, tal, aí ele disse 'você já assistiu o filme, *Cabra marcado para morrer?*', 'eu não'. Ele disse 'vou trazer para você, e vai valer uma nota'. E aí eu assisti o filme, aí nós conversamos muito, e aí eu fiquei cada dia mais interessada e buscando mais, aí eu disse 'professor, eu já sei o que é que eu vou fazer no meu trabalho de graduação, eu quero falar sobre as ligas camponesas'.

⁷ *A família de Elizabeth Teixeira*. Depoimento de Elizabeth Teixeira.

⁸ No livro "Eu marcharei na tua luta - a vida de Elizabeth Teixeira" (1997) Elizabeth relata que sua filha Neivinha a culpava pelas tragédias da família como, por exemplo, a morte de José Eudes perpetrada por Peta. Neivinha também censurou a mãe de contar a história de João Pedro Teixeira à neta Juliana Elizabeth Teixeira quando esta ainda era criança.

A partir de *Cabra*, Juliana tomou contato com história da própria família. Assim, ela realizou seu trabalho de conclusão de curso sobre a história das Ligas Camponesas, e conta que ganhou o prêmio “Mestre da Educação” com um trabalho realizado com seus alunos, no qual os aprendizes tornaram-se guias do Memorial das Ligas Camponesas. A memória como identidade e resistência: Juliana acrescenta ainda que um acampamento de sem-terras deverá se estabelecer nas terras do memorial, já que estão sendo despejados. A luta de João Pedro Teixeira continuada pela neta. Vemos imagem de *Cabra*/1981 da casa onde hoje o memorial está instalado. Vemos o mesmo plano agora em 2013, a casa reformada. Ao adentrar seu interior, uma enorme foto toma conta de uma das paredes. Nela vemos João Pedro Teixeira vivo, algo que não está presente em *Cabra marcado*. Também nas paredes do memorial, fotos de outros camponeses que tombaram nesta luta pela terra: Margarida Alves, Nego Fuba, Bila, Sandoval Avelino, Antônio Chaves, o próprio João Pedro Teixeira. O filme segue mostrando, com a câmera na mão, na altura dos olhos, quase como uma subjetiva, as paredes do Memorial tomada por jornais e cartazes que relembram as lutas dos camponeses.

Juliana leva a equipe à antiga casa de Manuel Justino, pai de Elizabeth. Confrontados com a imagem de 1981, o lugar parece ter parado no tempo e segue muito parecido mais de 30 anos depois. O irmão de Elizabeth comenta que ela é intrigada com a família, que todo dia 2 de abril, "dia da morte de João Pedro, ela vem, mas não visita os irmãos". Juliana Elizabeth explica posteriormente que todos os anos, no dia 2 de abril, eles fazem uma caminhada saindo do local de morte de João Pedro em direção ao memorial. Ela nos mostra onde morreu seu tio José Eudes, assassinato pelo irmão Peta⁹. Muito próximo dali, vamos ao exato local do assassinato de João Pedro Teixeira. Há um monumento de memória com fotos, o presente do passado. Eduardo Coutinho escolheu, 50 anos depois, terminar *A família de Elizabeth Teixeira* onde começou *Cabra marcado para morrer*. Novamente, apesar da figura ímpar de Juliana Elizabeth o filme termina em um certo anticlímax reflexivo.

No relato de Juliana Elizabeth a Coutinho, enquanto se aproximam de carro do Memorial das Ligas Camponesas, expõe-se o paradoxo: João Pedro Teixeira e as ligas se tornam motivo de um memorial, mas a rememoração das lutas passadas, reconhecidas institucionalmente e assim, nalguma medida, apaziguadas, se dá em um presente conflituoso, em que o problema do acesso à terra permanece (como problematiza a situação vivida no terreno onde se situa o próprio memorial). (MESQUITA, 2014, p. 224)

Ficamos novamente atentos ao fato de que a morte está sempre a espreita. Por outro lado, este final que nos remete ao final de um ciclo de 50 anos sendo conduzido pela neta

⁹ Também no livro “Eu marcharei na tua luta” (1997), Elizabeth Teixeira descreve em detalhes o momento da morte de José Eudes, já que estava presente no momento do crime.

Juliana Teixeira traz a chama de que a história não acaba, não se encerra, está sempre em movimento e se renovando com novos atores. A memória de João Pedro Teixeira na voz da atuante neta, Juliana Elizabeth Teixeira, conforma um espaço de experiência em sua abertura a um novo horizonte de expectativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)

Em um olhar para a sociedade brasileira, agora, com 30 anos de enunciado democrático, “*A Família de Elizabeth Teixeira*” retrata o desenvolvimento de importantes políticas sociais, de aberturas à sexualidade, avanços tecnológicos, o acesso das classes mais baixas à universidade e a bens de consumo. Mas nada disso é destituído de passado, individual e social, em meio a tantas tragédias pessoais e coletivas, a depressão, os jovens assassinados na periferia, os conflitos por terra, a desigualdade que segue sendo marca no país, ecoa, representativamente, a frase de Elizabeth Teixeira para o pós-filme: “quantos anos do assassinato de João Pedro, e a reforma agrária ainda não foi implantada no nosso país?”.

REFERÊNCIAS

- BALTAR, M. Pacto de Intimidade – ou possibilidades de diálogo entre o documentário de Eduardo Coutinho e a imaginação melodramática. In: **Anais do 14º Encontro Anual da Compós** - Associação nacional dos programas de pós-graduação em comunicação, 2005. ISSN: 2236-4285. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2005>
- BANDEIRA, L. M., MIELE, N., SILVEIRA, R. M. G. **Eu marcharei na tua luta!** A vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa. Ed. Universitária. UFPB, 1997.
- BERNARDET, J.C. Vitória sobre a lata de lixo da história. In: _____. **Cineastas e imagens do povo**. 2ª Edição [1985]. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 227-238.
- SCOREL, E. Triunfo e tormento. In: Ohata, Milton (org.). **Eduardo Coutinho**. São Paulo: CosacNaify, 2013, p. 482-504.
- GERVAISEAU, H. A. Entrelacamentos: *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho. In: CAPELATO, M. H., MORETIN, E., NAPOLITANO, M. e SALIBA, E. T. (Org). **História e cinema: Dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011., p. 219-235.
- GERVAISEAU, H. **O abrigo do tempo: abordagens cinematográficas da passagem do tempo**. São Paulo: Alameda, 2012.
- KOSSELLECK, R. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro. Ed. Puc Rio, 2006. .
- MESQUITA, C. A família de Elizabeth Teixeira: A história reaberta. In: **Catálogo 18 Festival do Filme Documentário e Etnográfico Fórum de Antropologia e Cinema** - ForumDOC. Belo Horizonte, 2014.
- _____. **Entre agora e outrora: a escrita da história no cinema de Eduardo Coutinho**. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 31, p. 54-65, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016124255>
- _____. **Violência imaginada: João Pedro Teixeira, o camponês no filme de Eduardo Coutinho**. In: **Cadernos de antropologia e imagem**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1995.
- NOVAES, R. R. Imagens do tempo. Afetos e gerações nas trilhas do *Cabra marcado para morrer*. In: **A família de Elizabeth Teixeira + Sobreviventes da Galiléia visto por**. Rio de Janeiro. Ed. 7 Letras, 2019.